



nº 13 - dezembro de 2014

**SOUZA, Laura de Mello e. *Perfis brasileiros - Cláudio Manuel da Costa: o letrado dividido*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 242 páginas.**

*Luciana Uhren Meira Silva\**

A obra e a biografia do mineiro Cláudio Manuel da Costa já foram visitadas e revisitadas por diversos estudiosos brasileiros, tais como Antônio Candido e Sérgio Buarque de Holanda. Ainda assim, Laura de Mello e Souza lança um novo e minucioso olhar sobre a vida, os escritos e o destino do poeta do século XVIII.

É interessante notar como esse novo olhar aparece logo na capa da obra: diferente do que era de se esperar, não há uma imagem do poeta, mas sim a reprodução de sua assinatura. Isso se deve ao fato de que a autora não encontrou um registro fidedigno da figura do poeta, por isso, preferiu contribuir para a criação de um perfil biográfico e não de uma imagem que possivelmente não seria a dele.

Os 23 breves capítulos transportam o leitor para o Brasil do século XVIII, mais especificamente para o espaço de Minas Gerais e de sua então capital Vila Rica. Sendo assim, temos a oportunidade não só de conhecer as peculiaridades da vida do poeta, mas também detalhes das interações sociais e econômicas comuns àquele tempo.

A paisagem da região mineira é também retratada, especialmente no relato da viagem que Cláudio empreendeu quando foi à capital do império, Rio de Janeiro, a fim de estudar em colégio Jesuíta antes de partir para Portugal e concretizar os estudos em Direito na Universidade de Coimbra. Tal viagem marcou tão profundamente o poeta – e ainda uma outra realizada quando era representante do governo local – que, anos mais

---

\* Mestre em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora de Comunicação e Expressão na Faculdade Paschoal Dantas – FPD – São Paulo, Brasil. [luciana\\_uhren@yahoo.com.br](mailto:luciana_uhren@yahoo.com.br)

tarde serviria de inspiração para a composição do poema “Vila Rica” cuja paisagem mineira está fortemente representada.

Desde a origem do nome até o momento da morte, Souza nos permite conhecer aspectos importantes da vida de Cláudio e nos mostra que ele foi um legítimo representante de seu tempo: um homem dividido entre as facilidades da vida na metrópole – o que incluía acesso à cultura e à formação acadêmica – e as obrigações no cotidiano da colônia. A lista de objetos que lhe pertenciam, sua função como advogado e personalidade pública nas Minas Gerais, além da busca de privilégios por ser filho de português e gozar de boa formação acadêmica atestam esse fato. Vivendo no ambiente acanhado de Vila Rica, Cláudio Manuel da Costa possuía uma biblioteca com um bom número de livros de Direito e conservava o hábito da vestimenta à europeia. Embora ocupasse cargos públicos, como o de vereador, muitas vezes apenas usufruía da projeção social que tais cargos possibilitavam, pois não eram remunerados. O importante na ocasião era estabelecer relações que garantiriam interesses futuros.

Cláudio não deixou de exercer, porém, as tarefas de minerador que herdou de seu pai e que alimentava os confortos de sua existência. A mineração também possibilitava sustentar a família que formou com Francisca Arcângela de Souza, negra alforriada com quem teve cinco filhos. Apesar dessa relação, o poeta morreu solteiro, pois jamais se casou com a companheira de sua vida inteira, embora a tenha mantido, junto com os filhos, em uma casa no campo amparada em tudo o que era necessário.

Assim, Cláudio é apresentado como um homem dividido também nas questões pessoais – lutou durante anos para provar a “limpeza de seu sangue” com o objetivo de conseguir fazer parte de uma ordem religiosa, mas mantinha um romance com uma escrava. Por esse motivo, e pela projeção social que ocupava, nunca assumiu a família que formou. Talvez por essa razão, além da derrama e do sequestro dos bens ocorridos por ocasião de sua prisão em 25 de junho de 1789, seus descendentes ainda hoje padecem de pobreza vivendo no interior de Minas Gerais, assim como nos informa a autora da biografia.

Outra questão importante levantada por esse estudo é a produção literária desse mineiro filho de pai português e de mãe paulista. Muitos foram os críticos que definiram os escritos de Cláudio como sendo uma cópia de modelos europeus – inclusive da paisagem – em detrimento da inspiração e criações locais. Homem de formação europeia, o poeta-bacharel não poderia deixar de recorrer às musas inspiradoras que não

habitavam os rios escuros e lamacentos – devido à mineração – presentes em sua terra natal. A inspiração primeira, de fato, seria a paisagem que conheceu longe do ambiente da colônia. Os ares europeus estavam na sua produção que, ainda assim, não abandonou a ‘cor local’.

Para ele, o *locus amoenus* não poderia ser representado pela paisagem colonial e a natureza era a representação de sua angústia de estar longe do ambiente civilizado que aprendera a amar nos tempos em que passou na capital do império. A biógrafa cita interessantes versos do poeta sobre a paisagem mineira: “Uma extensão larguíssima de montes, / Que cortam vários rios, lagos, fontes; / Densos matos a cobrem, veem-se as serras/ De escabrosos rochedos novas guerras [...]” (p. 49).

A descrição da paisagem mineira, com seus rochedos e penhascos – representação da angústia do poeta – seria algo como uma antecipação do Romantismo em que a natureza é a própria expressão dos estados de espírito? Não há como afirmar nem desconsiderar tal reflexão. O fato é que a expressão poética de Cláudio Manuel da Costa nos revela alguém dividido entre dois mundos que não poderiam se harmonizar.

Além dessas questões, Souza aponta para as possíveis contribuições de Cláudio para as *Cartas Chilenas* do amigo e também poeta Tomás Antônio Gonzaga. Apesar de a diferença de idade entre os dois ser grande, é certo que mantinham relação de estreita amizade. Por certo, a contribuição aconteceu e ele foi o autor da “Epístola a Critilo” que antecede as *Cartas*. Na epístola afirma que a sátira de Critilo (Tomás Antônio Gonzaga) seria lembrada toda vez que “a humanidade, enfim desagradada das injúrias sofridas, soltasse os ferros tintos de fresco, gotejando sangue” (p. 156).

Isso nos mostra que, além de sua produção de inspiração árcade, o poeta-bacharel também era atento às relações de poder e de prestações de favores que se mantinham na colônia e que, atualmente, ainda vemos tão presentes nas relações políticas e públicas no Brasil.

O próprio poeta e um grupo de amigos – os chamados Inconfidentes – viram-se às voltas com um governo que não lhes mostrava simpatia e, por esse motivo, perderiam grande parte dos benefícios que haviam conseguido, além de sofrerem considerável perda econômica advinda do pagamento de impostos sobre os lucros alcançados com a mineração.

Muitas reuniões e debates aconteceram entre esse grupo de amigos que incluía poetas, padres e pessoas públicas. Tomás Antônio Gonzaga foi um dos primeiros a ser preso, além de Joaquim José da Silva Xavier, mais conhecido como o herói nacional –

Tiradentes. Cláudio foi preso logo após o seu amigo poeta e, ao que tudo indica já velho e sem saúde, não resistiu ao interrogatório e delatou os demais participantes do movimento que seria conhecido como Inconfidência Mineira.

A respeito dos acontecimentos que se seguiriam após a prisão e delação de Cláudio, Souza deixa bem claro que não há consenso entre os estudiosos e pesquisadores da vida do poeta mineiro. Ela coloca sua visão a respeito dos fatos e indica que Cláudio, atormentado pela culpa, cometeu suicídio no pequeno espaço embaixo de uma escada na atual Casa dos Contos, local em que estava preso.

Alguns contestam tal versão, visto que o poeta era alguém extremamente religioso e para quem o suicídio seria um grande pecado. Os documentos da época, porém, não deixam claro quais foram os verdadeiros fatos ocorridos e dão margem para dúvida. Não há notícia nem mesmo sobre onde seu corpo fora enterrado.

O resultado dessa ação foi marcante: diferente dos demais Inconfidentes, Cláudio Manuel da Costa não foi considerado um herói, mas um traidor e, os que visitam atualmente o Museu da Inconfidência em Ouro Preto, antiga Vila Rica, não encontram um túmulo dedicado ao poeta. Até mesmo no momento de sua prisão e morte, como aponta Souza, Cláudio mostrou-se dividido entre seus ideais e o medo que o tomava diante dos acontecimentos futuros.

Ler um livro como este, além de ser uma oportunidade de conhecer um poeta que contribuiu para as Letras brasileiras nos deixando uma obra importante e representativa de seu tempo, é um mergulho no Brasil do século XVIII cujos conflitos e relações de poder e interesse ainda se perpetuam na atualidade. Laura de Mello e Souza nos auxilia a ampliar a visão que temos de nosso próprio país e de uma das personalidades importantes que marcaram a construção de nosso imaginário e de nossa literatura.

*Data de submissão: 25/08/2014*

*Data de aprovação: 07/09/2014*